

## A CRISE DAS LETRAS E SINAIS

E foi assim numa manhã chuvosa e ensolarada: essas esquisitices climáticas que bem convém a acontecimentos bizarros. Antes de mais nada devo dizer que o acontecido que relatarei, realmente aconteceu; embora muitos não de dizer que estou inventando fatos. Mas vos garanto que sou um narrador 100 % confiável. E enquanto escrevo esse relato, tenho a Lua como testemunha da minha idoneidade narrativa. Meu Papagaio acaba de me chamar de mentiroso. Que filho da mãe! Mas vejam bem, em quem vocês vão acreditar? Num Papagaio X9 ou num Narrador sincero? Se estou enrolando é porque essa história carece desse prólogo demorado.

Vou relatar a crise das Letras e Sinais, que iniciou-se numa manhã de Sol e chuva.

E tudo começou com ele: ? Sim, um sinal de interrogação entrou em crise existencial, e dizia aos prantos:

— Eu não aguento mais ser uma eterna indagação de mim mesmo. Um, um ser que só tem perguntas e mais perguntas. Eu sou alguém, não sou ninguém. Eu não quero mais fazer perguntas, eu quero fazer respostas. E assim o desesperado sinal de interrogação foi seguido por milhares de outros sinais de interrogação, que não aceitavam mais serem eternas perguntas. E então saltaram de Livros, Revistas, Jornais, letreiros, etc.

O acontecido gerou uma reação em cadeia, e instaurou uma crise existencial no Mundo das Letras e Sinais. Foram incontáveis casos. Contarei alguns, se as lágrimas deixarem -me.

— Vou te depenar seu miserável! Meu Papagaio continua me chamando de mentiroso. Mas não liguem, confiem na minha sinceridade narrativa. Vamos em frente com a nossa história.

O H pirou!

— Eu não tenho existência fonética, sou uma letra muda e meramente decorativa. Sem a minha presença em Hotel, História, Hiato, Hóspede e Hidrante; a pronúncia continua sendo a mesma. Sou uma letra inútil. E rios de lágrimas escorriam de milhares de H (s).

O Ponto de exclamação desabafou:

— Eu não aguento mais ser essa eterna ênfase exclamativa. Essa espécie de susto semântico. Sou tímido, não quero mais cumprir essa função espalhafatosa. E assim milhares de Pontos de exclamação simplesmente deitaram-se e deixaram um vazio de sentidos em Livros, Revistas, Jornais, letreiros, etc.

As Vírgulas não aguentam mais interromperem as palavras.

— Queremos que as palavras sejam livres de interrupções! E milhares de Vírgulas gritavam em coro essa oração.

O caso mais grave foi o ataque de profundo estrelismo das Vogais: A, E, I, O e U decretarem greve por tempo indeterminado. E sua Porta voz, a Letra A, declarou: — Somos infinitamente essenciais e superiores a todas as demais letras. Vamos descansar por tempo indeterminado. E saltaram dos Livros, Revistas, Jornais, letreiros, teclados de celulares e computadores. E o Mundo foi pouco a pouco entrando em colapso por causa dessa crise das Letras e Sinais. Pois essa febre existencialista também alastrou-se por Países que utilizam outros tipos de alfabetos, como a China, Japão, Coréias, Países Árabes. Nesses Países milhares de ideogramas, símbolos e sinais também entraram em crise.

E voltando a nossa crise:

O B não quer mais ser o B de bola, bota, Barbie, bizonho, bocó. E por isso também entrou em crise.

O I já disse que não quer mais ser o I de Ivo viu a uva.

O D odeia ser o D de dado.

O L não quer mais ter nome de pronome.

O Z não quer mais ser o último da fila.

O N não quer mais ser Não, quer ser Sim.

O Y não quer mais ser o primo desprezado do I. O Y exige ser considerado como Vogal, e diz que o I imita o seu som.

O M sente-se explorado nos letreiros da MC Donalds, e nas embalagens de M&M.

O W não quer mais trabalhar direto na Internet, sem ter direito a descansar.

O S não quer mais ter o formato de uma Serpente em pé.

E o coitado do Ponto e vírgula, até hoje não sabe exatamente qual é a sua função.

E muitas outras Letras e Sinais choraram suas mágoas e abandonavam seus postos. E a Revolução existencialista das Letras e Sinais continua a todo vapor. Nesse instante estão abandonando meu teclado, tekladu. Vou, vow desligar.

Ai de mim, num Mundo sem Letras e Sinais.

Voltem aqui, aki.

Marcelo Rocha